

**«O homem estava sentado sobre uma lata na beira de uma garça»:  
reflexões sobre a poética da fragilidade em *Memórias Inventadas***

**Maria Isabel Machado Lemos<sup>1</sup>**

ISCTE-IUL / IELT  
mariaisabelm.lemos@gmail.com

**Resumo:**

Reconhecida pelo louvor às **miudezas**, a obra de Manoel de Barros desconstrói a rigidez do amadurecimento humano ao centralizar-se na magnitude de pequenos fenômenos em que a vulnerabilidade e a fragilidade se constroem como centrais ao posicionamento do homem frente ao mundo que o circunda. A crítica ao antropocentrismo, neste caso, baseia-se ainda em uma poética da fragilidade enquanto qualidade inerente e engrandecedora. Esta análise literária concentra-se, a partir da obra *Memórias Inventadas*, no rompimento do poeta com a rigidez dos processos de criação e crescimento, bem como na visão enaltecedora da fragilidade dos - e nos - seres. Objetiva-se, portanto, uma reflexão acerca das representações do frágil e da fragilidade no fazer poético. O volume, dedicado às suas “três infâncias”, rompe também com a construção social e temporal da força da figura adulta ao atentar para a imaginação e a vulnerabilidade como sustentáculos da experiência humana.

**Palavras-Chave:** poética da fragilidade; análise literária; Manoel de Barros; **Memórias Inventadas**.

**Abstract:**

Recognized for praising small details, the work of Manoel de Barros deconstructs the rigidity of human maturity by focusing on the magnitude of small phenomena in which vulnerability and fragility are built as central to man’s position in relation to the world around him. The critique of anthropocentrism, in this case, is still based on a poetics of fragility as an inherent and aggrandizing quality. This literary analysis focuses, from the work *Memórias Inventadas*, on the poet’s rupture with the rigidity of the processes of creation and growth, as well as on the uplifting vision of the fragility of – and in – beings. The objective is, therefore, a reflection on the representations of the fragile and fragility in the poetic making. The volume, dedicated to his “three childhoods”, also breaks with the social and temporal construction of the strength of the adult figure by paying attention to imagination and vulnerability as supports of human experience.

**Key words:** poetics of fragility; literary analysis; Manoel de Barros; *Memórias Inventadas*.

## 1. Introdução

Reconhecida pelo louvor às “miudezas”, a obra do poeta brasileiro Manoel de Barros desconstrói a rigidez de diversos processos de amadurecimento humano ao centralizar-se na magnitude de pequenos fenômenos em que a vulnerabilidade e a fragilidade se constroem como centrais ao posicionamento do homem frente ao mundo que o circunda. A trajetória do autor, nascido no Mato Grosso, não se resume à produção literária: advogado e fazendeiro, Manoel de Barros viveu grande parte de sua vida na região do pantanal brasileiro, sendo a natureza deste bioma um ponto de partida frequentemente distinguido em suas composições poéticas (Silva, 2010, p. 50).

Considerando-se a publicação de seu primeiro volume, *Poemas Concebidos Sem Pecado* (1937), e a daqueles que inauguraram seu traço estilístico, *Compêndio Para o Uso dos Pássaros* (1960) e *Gramática Expositiva do Chão* (1966) (Junior, 2016, p. 54), o enquadramento da obra do autor torna-se tarefa complexa que não se resume ao ordenamento cronológico ou formal. Enraizadas nos constantes neologismos, na plasticidade entre o concreto e o abstrato, na subversão da linguagem, dos signos e da relação entre homem e natureza estão características do pós-modernismo brasileiro, assim como do modernismo de 1922 e a forte influência do Manifesto Antropofágico de Oswald de Andrade. O autor, que ao longo da vida distanciou-se dos holofotes e concedeu raras entrevistas, consolidou um estilo próprio de linguagem poética que, apesar de dialogar com diferentes movimentos literários, preocupa-se objetivamente com a desconstrução da forma e concede maior centralidade ao significante em detrimento do significado, como bem aprofundado por Costa (2010, p. 86): “ele reivindica objetos cotidianos, mas os despe de suas funções e assim os caracteriza como objetos literários. O objeto, no momento em que é descaracterizado de seu uso, de seu objetivo, torna-se passível de habitar o universo artístico”.

No universo poético analisado, a desconstrução não se limita à linguagem: fronteiras entre seres, objetos e realidades são constantemente subvertidas, assim como a condição humana moderna – tecnológica, veloz e dispersa – é recorrentemente rejeitada face à grandeza dos pequenos fatos cotidianos (Brunacci, 2011, p. 48-49), transformando a tensão entre o eu lírico e o contexto social que o circunda em uma problemática frequente (Valentin, 2013, p. 110). As obras do poeta podem ser consideradas como um importante intervento artístico e poético no que se refere à ressignificação do sentido ontológico e epistemológico da fragilidade no mundo contemporâneo. A reinterpretação do autor sobre a relação dialética entre ser humano e natureza, sobre a rigidez da linguagem no processo de amadurecimento literário e,

«O homem estava sentado sobre uma lata na beira de uma garça»: reflexões sobre a poética da fragilidade em *Memórias Inventadas*  
 Maria Isabel Machado Lemos

**dob\_**  
**ra**

também, acerca da inflexibilidade espaço-temporal que condiciona a experiência humana, representam esforços de subversão da compreensão da fragilidade enquanto sinônimo de fraqueza, falha ou imperfeição.

No sentido ontológico, a experiência do eu lírico é constantemente relativizada perante a alteridade que a circunda, fazendo com que a racionalização característica ao pensamento ocidental e pós-moderno (Adorno e Horkheimer, 1985) seja contraposta à inevitabilidade da mundividência com que se depara. As explorações poéticas do autor encontram eco na obra *The Fragility of Goodness: Luck and Ethics in Greek Tragedy and Philosophy* (1986), de Martha Nussbaum, que, ao explorar a conexão entre os valores morais e a sorte na Grécia Antiga e contrapô-los aos do século XX, problematiza a relação entre vulnerabilidade, bondade e fatores internos e externos ao sujeito. Segundo Roochnik (1988, p.309): “She forces us to ask whether, almost paradoxically, we might not find in our tragic vulnerability to a world beyond our rational control the true source of human beauty and goodness”. Nossa vulnerabilidade é compreendida, portanto, como um aspecto fundamental para a constituição do ser e para sua fundamentação moral. A obra de Manoel de Barros dialoga com este posicionamento por meio da crítica antropocêntrica e ao explorar a poética das miudezas e o impacto das mesmas na experiência do eu lírico.

Já a ressignificação epistemológica toma forma no fazer poético e na desconstrução da linguagem. Ao subverter a relação **significado-objeto-significante**, o poeta assume a linguagem poética como construtora de realidades e relações de poder. Michel Foucault, em *Arqueologia do Saber* (2005), também problematiza este lugar político da linguagem e da poética, além da temporalidade do conhecimento que traduz, sempre, seu contexto histórico. Na experiência linguística e comunicacional reside, para Foucault, parte fulcral do equilíbrio entre razão e imaginação, além da produção de sentido. Manoel, ao desconstruir a linguagem, desconstrói este equilíbrio e propõe uma harmonia que confere primazia à imaginação frente à razão absoluta, centraliza-se na fragilidade e vulnerabilidade da construção de sentidos para frisar a força motriz da linguagem e da palavra. Sobre sua relação com a linguagem, o autor pontua:

“O que faço é metalinguagem. Tenho a pretensão de que o meu personagem principal seja a palavra (...) Em poesia, a razão não está com nada, a insensatez funciona melhor. Por trás da criação não está a teoria, mas a minha vivência.” (Müller, 2010, p. 138).

Do conjunto de obras do autor, *Memórias Inventadas – As Infâncias de Manoel de Barros* se destaca por inúmeras razões. O volume analisado, publicado pela Editora

Planeta em 2008, é a compilação de uma série de três obras de caráter autobiográfico escritas pelo poeta (Mendes, 2009, p. 256). *Memórias Inventadas: A Primeira Infância* (2003), *Memórias Inventadas: A Segunda Infância* (2006) e *Memórias Inventadas: A Terceira Infância* (2008), e sua compilação, traduzem os posicionamentos de Manoel no que se refere à cronologia da experiência humana, à mundividência e grandiosidade do universo infantil e à linha tênue entre memória e imaginação. O próprio título denota a inauguração de um cosmo marcado pela poética da fragilidade, explorada por um eu lírico que subverte experiências e reconhece a impossibilidade de dotá-las de racionalidade. Os domínios da palavra e da memória são, portanto, conjugados na elaboração de novos sentidos e realidades.

Sobre os 42 textos poéticos contidos na edição de 2008, Rocha (2017, p.33) relembra uma entrevista do poeta para a **Folha de Londrina**: “Tenho que *Memórias Inventadas* é prosa poética. Faz poesia portanto. É fenômeno de linguagem por isso. (...)”. O recurso à prosa poética, por si própria uma rutura estilística da linguagem, fundamenta a intangibilidade dos acontecimentos narrados ao passo que confere factualidade às realidades e alteridades imaginadas pelo autor. A subversão primária emerge, portanto, da negação de imperativos absolutos como “verdadeiro” e “falso” (Souza, 2012).

## 2. Fragilidade, grandeza e tempo

Sendo a análise dos 42 textos que compõem o volume um exercício inexecutável, os eixos poético e metafísico alicerçam a observação das categorias como fragilidade, grandeza e tempo com base em excertos de poemas relativos às três infâncias do poeta. Retorno, portanto, ao homem sentado à beira da garça, à pequenez do homem, à temporalidade da garça, à grandiosidade do que é frágil. Em “A rã” (2008, p.55), Manoel propõe:

“Sendo que a importância de uma coisa ou de um ser não é tirada pelo tamanho ou volume do ser, mas pela permanência do ser no lugar. Pela primazia. Por esse viés do primordial é possível dizer então que a pedra é mais importante do que o homem. Dou federação a ela. Assim como dou federação à garça quem teve um homem sentado na beira dela. As garças têm primazia.”

Um pouco mais adiante, em “Tempo” (Ibid., p. 133), subverte a temporalidade e aprofunda o exercício de alteridade por meio da linguagem:

«O homem estava sentado sobre uma lata na beira de uma garça»: reflexões sobre a poética da fragilidade em *Memórias Inventadas*  
 Maria Isabel Machado Lemos

**dob\_**  
**ra**

“Eu não amava que botassem data na minha existência. A gente usava mais era encher o tempo. Nossa data maior era quando. O **quando** mandava em nós.

Quem é **quando** criança a natureza nos mistura com as suas árvores, com as suas águas, com o olho azul do céu. Por tudo isso que eu não gostasse de botar data na existência. Porque o tempo não anda pra trás. Ele só andasse pra trás botando a palavra **quando** de suporte.”

(p.133)

Por fim, em “Soberania” (Ibid., p. 183), clarifica o lugar do homem, da razão, do conhecimento, do poder da grandiosa, frágil e vulnerável inocência:

“Aprendi a teoria das ideias e da razão pura. Especulei filósofos e até cheguei aos eruditos. Aos homens de grande saber. Achei que os eruditos nas suas altas abstrações se esqueciam das coisas simples da terra.

Botei um pouco de inocência na erudição. Deu certo. Meu olho começou a ver de novo as pobres coisas do chão mijadas de orvalho. (...) E vi que o homem não tem soberania nem pra ser um bentevi.”

## 2.1. Sobre a poética

O fazer poético do autor baseia-se na recorrente subversão de imagens que traduz a resignificação dos limites da razão, da constituição humana e da realidade material. O exercício retórico e solitário de fazer poesia com base na memória, conjugado às figuras de linguagem, aos neologismos e à reconfiguração da relação entre **significado-objeto-significante**, revela o caráter político e prático da linguagem para o autor, desestruturando o universo epistemológico do “fazer poético” e condenando, indiretamente, a episteme científica e racional da contemporaneidade. O verso “Botei um pouco de inocência na erudição. Deu certo.” veicula o posicionamento crítico de Manoel com relação à criação de conhecimento científico e à tendência universalizante da racionalidade ocidental. Ao desafiar, por meio da poesia, o caráter absoluto dos signos e explorar a conexão entre a linguagem e a constituição da realidade e do sujeito, o poeta dialoga com a semiologia barthesiana e explora a potencial resignifi-

cação da fragilidade, da miudeza e do insignificante enquanto categorias constitutivas da humanidade cujo significado não tem conotação negativa.

O sublime, na mundividência de Barros, assume características não-antropocêntricas em que a hierarquização da experiência dos seres e objetos não se resume à centralidade do ser humano. Neste âmbito pode ser lida, ainda, mais uma crítica à racionalização excessiva visto a racionalidade e a memória serem importantes fatores para a distinção e a elevação da humanidade no mundo animal. A compreensão de que “o homem não tem soberania nem pra ser um bentevi” ressignifica as categorias de grandeza e fragilidade de acordo com os valores do poeta, ou seja, o significado dos dois termos segue o raciocínio de “que a importância de uma coisa ou de um ser não é tirada pelo tamanho ou volume do ser, mas pela permanência do ser no lugar”. Ora, o exercício poético em questão resume-se à destituição de categorias como grandeza e fragilidade de suas dimensões simbólicas e tangíveis para, por meio da linguagem, ressignificá-las em concordância com posicionamentos epistemológicos e ontológicos que escapam à racionalização moderna e pós-moderna. A poética em questão pode, nesta ótica, ser compreendida como uma poética da fragilidade.

A categoria temporal também tem centralidade na obra, não apenas pelo tom memorialista dos poemas, mas pela escolha poética de desestruturar a cronologia da experiência humana por meio da reiteração da infância na grandeza de sua fragilidade, inocência e vulnerabilidade. Por fim, a opção lírica pela composição de prosas poéticas também se relaciona à temporalidade, ao ritmo e à necessidade de melhor caracterizar esse tempo etéreo, o **quando**, que existe no encontro das memórias individual e coletiva com a imaginação do artista. Refiro a memória coletiva com o objetivo de aprofundar a temporalidade em questão: a obra do poeta é marcada pelo anacronismo de sua sensibilidade frente à tecnologização do mundo. O universo das infâncias, segundo Mendes (2009, p. 262), não é habitado apenas por Manoel “pois carrega em si o “outro”, de modo que a sociedade, a família, as leituras misturam-se na produção dos significados”.

## 2.2. Sobre a experiência

Do ponto de vista metafísico, o livro e os excertos apresentados iluminam a magnitude da permanência na experiência ontológica dos seres frente a qualidades como força, racionalidade e grandeza. A partir da permanência, “é possível dizer então que a pedra é mais importante do que o homem”, forma de problematizar, a partir do pensamento dialético, a valoração moral contemporânea. O posicionamento filosófico de



«O homem estava sentado sobre uma lata na beira de uma garça»: reflexões sobre a poética da fragilidade em *Memórias Inventadas*  
 Maria Isabel Machado Lemos

**dob\_**  
**ra**

Heidegger na obra inacabada *Ser e Tempo* colabora para a sustentação desta leitura metafísica de *Memórias Inventadas* por meio do esvaziamento de sentido do sujeito e da compreensão de que o mesmo só se constitui como tal quando confrontado com o mundo que o circunda. Apesar de não caber a esta análise um aprofundamento no pensamento heideggeriano, essa problemática do posicionamento ontológico é bem clarificada na relação entre “ser” e “ente”:

“Em qual dos entes deve-se ler o sentido do ser? De que ente deve partir a saída para o ser? O ponto de partida arbitrário ou será que um determinado ente possui primazia na elaboração da questão do ser? Qual é este ente exemplar e em que sentido possui ele uma primazia?” (Heidegger, 2005, p.32)

O filósofo vai encontrar a solução para seu questionamento sobre o sentido do ser no conceito de Dasein, a presença, que versa, resumidamente, sobre a reconstrução constante do ser por meio do “estar”, do existir, em que as possibilidades são infinitas. A obra de Manoel de Barros, por sua vez, é categórica sobre a infinitude dos limites do ser que, constantemente, se mescla com aquilo que está à sua volta, sem primazia dentro das relações estabelecidas. Do simples estar, emergem a linguagem poética do autor e uma nova perspectiva existencial em que a inversão de valores elogia mundividências cujo âmago é vulnerável, frágil, ingênuo.

A transitoriedade e a multiplicidade atribuídas à categoria existencial de tempo também são significativas para a interpretação da experiência no caso analisado, assim como de sua poética da fragilidade. No documentário *Só Dez Por Cento é Mentira*, de Pedro César, Manoel comenta: “A gente nasce, cresce, amadurece, envelhece, morre. Pra não morrer, tem que amarrar o tempo no poste. Eis a ciência da poesia: amarrar o tempo no poste” (2008, s/p). Por meio da arte, portanto, o poeta subverte o fio cronológico da vida e assume a qualidade infantil de sua obra poética e da experiência proposta. Sobre o tempo, interessa ainda pensar que, por meio da dissociação entre signo e significado, Barros desarticula modos clássicos de compreensão da experiência humana e agrega uma forte carga de reflexão à mesma. A infinitude do ser e a da imaginação, portanto, são proporcionais à sua fusão com tudo que o circunda na temporalidade transitória e múltipla do “quando”.

### 3. Vislumbres

Desta breve reflexão literária, emergem algumas considerações acerca do papel central da poética - e da linguagem - na criação de novos sentidos ontológicos que

caracterizem o ser e o estar com base em categorias subvertentes e que contrariem o todo social contemporâneo. *Memórias Inventadas*, e todo o conjunto da obra de Manoel de Barros, é um exemplo de poética em que o valor da fragilidade e da ingenuidade é abordado de forma concomitantemente séria e imaginativa. O poeta empresta à experiência humana nova temporalidade, novo posicionamento frente ao todo e nova forma de perspectivar-se a si própria, subvertendo valores altamente racionalizados na contemporaneidade.

A longa história da metafísica denuncia a centralidade do questionamento ontológico para o ser humano, assim como traduz sua indissociabilidade do contexto histórico que o circunda. Neste sentido, diferentes perspectivas foram abordadas ao longo do tempo, fator fortemente impulsionado pela filosofia e, invariavelmente, pela arte. Assim, poéticas subversivas, como a aqui explorada, contribuem para a composição de novas e possíveis experiências do ser, ainda que o todo social não as impulsiona. Neste tempo do quando, “tudo que não invento, é falso” (Barros, 2008, p.7).

### Referências bibliográficas

Adorno, T. & Horkheimer, M. (1985). *Dialética do esclarecimento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

Barros, M. (2003). *Memórias Inventadas: a primeira infância*. São Paulo: Planeta.

\_\_\_\_\_. (2006). *Memórias Inventadas: a segunda infância*. São Paulo: Planeta.

\_\_\_\_\_. (2008a). *Memórias Inventadas: a terceira infância*. São Paulo: Planeta.

\_\_\_\_\_. (2008b). *Memórias Inventadas: as infâncias de Manoel de Barros*. São Paulo: Planeta.

Brunacci, M. I. (2011). A crítica da modernidade na poética de Manoel de Barros e José Paulo Paes. *Estudos De Literatura Brasileira Contemporânea*, (19), 43–58. Retirado de <https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/8922>.

Costa, B. A. (2010). *Manoel de Barros: peraltices e traquinagens com a palavra poética*. Tese de Mestrado em Letras, Universidade Federal do Ceará. Retirado de [http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/2900/1/2010\\_DIS\\_BACOSTA.pdf](http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/2900/1/2010_DIS_BACOSTA.pdf).

Foucault, M. (2005). *A Arqueologia do Saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

Heidegger, M. (2005). *Ser e Tempo*. Parte I. Trad. Marta Sá Cavalcante Schuback. Rio de Janeiro: Editora Vozes.

Junior, V. D. (2016) *O (Des)Espaço na Poética de Manoel De Barros: quando a Literatura engravida a Geografia de espaços outros*. Tese de Doutorado em Geografia, Universidade Federal da Grande Dourados.



«O homem estava sentado sobre uma lata na beira de uma garça»: reflexões sobre a poética da fragilidade em *Memórias Inventadas*  
 Maria Isabel Machado Lemos



Mendes, A. C. (2009). Memória e infância, em *Memórias Inventadas*, de Manoel de Barros, *Revista de Literatura, História e Memória*, 5 (5), 253-263. Retirado de <http://e-revista.unioeste.br/index.php/rhlm/article/view/2115>.

Müller, A (Org.). (2010). *Manoel de Barros: Entrevistas*. Rio de Janeiro: Azougue Editorial.

Nussbaum, M. (1986). *The Fragility of Goodness: Luck and Ethics in Greek Tragedy and Philosophy*. Cambridge: Cambridge University Press.

Rocha, V. A. (2017). *Três Infâncias: o aprendizado poético de Manoel de Barros aplicado ao 9º ano do Ensino Fundamental II*. Tese de Mestrado em Letras, UNESP. Retirado de [https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/151126/rocha\\_va\\_me\\_assis.pdf?sequence=3](https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/151126/rocha_va_me_assis.pdf?sequence=3).

Roochnik, D. (1988). The Fragility of Goodness: Luck and Ethics in Greek Tragedy and Philosophy (review). *Journal of History of Philosophy*, 26(2), 309-311. Retirado de <https://muse.jhu.edu/article/226622/summary>.

Silva, F. M. (2010). História e Literatura: interpretações sobre a poética de Manoel de Barros, *Coletâneas do Nosso Tempo*, 7(7), 51-66. Retirado de: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/coletaneas/issue/view/15>.

Souza, R. (2012). Chaves para ler as Memórias inventadas, de Manoel de Barros. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, (40), 99-112. Retirado de: <https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/9842/8696>.

Valentin, L. H. (2013). Tensões entre o fazer poético e a sociedade: análise e interpretação de “O poeta”, de Manoel de Barros. *Mosaico*, 12 (1), 105-114. Retirado de [https://www.academia.edu/4886640/Tens%C3%B5es\\_entre\\_o\\_fazer\\_po%C3%A9tico\\_e\\_a\\_sociedade\\_an%C3%A1lise\\_e\\_interpreta%C3%A7%C3%A3o\\_de\\_O\\_poeta\\_de\\_Manoel\\_de\\_B Barros](https://www.academia.edu/4886640/Tens%C3%B5es_entre_o_fazer_po%C3%A9tico_e_a_sociedade_an%C3%A1lise_e_interpreta%C3%A7%C3%A3o_de_O_poeta_de_Manoel_de_B Barros).